



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

JOEL RUFINO DOS SANTOS

O soldado que não era

---

**PROJETO DE LEITURA**

Coordenação: Maria José Nóbrega  
Elaboração: Rosane Pamplona e Wagner Ribeiro Soares

---

# Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,  
Uma árvore bem frondosa  
Doze galhos, simplesmente  
Cada galho, trinta frutas  
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".<sup>2</sup>*

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

*Depende de nós.*

<sup>1</sup> In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

<sup>2</sup> *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

---

## DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

### UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

### RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

### COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

### QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:  
Palavras-chave:  
Áreas envolvidas:  
Temas transversais:  
Público-alvo:

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

### b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

### c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

### ◆ nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

### ◆ nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

### ◆ nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

### ◆ nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

## DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



## JOEL RUFINO DOS SANTOS

### O soldado que não era

#### UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nascido no Rio de Janeiro, Joel Rufino dos Santos viveu cerca de dez anos em São Paulo. Foi preso político durante a ditadura militar, entre 1972 e 1974. Seus pais são pernambucanos. Uma parte de seus ancestrais veio da Etiópia (na África), outra, de Portugal (na Europa). Possivelmente uma outra parte veio de Angola, mas ele nunca conseguiu confirmar. Como sua família é de Pernambuco, é provável descer também de caetés e tupinambás. Publicou diversos livros: *Quem fez a República*, *O dia em que o povo ganhou*, *História política do futebol brasileiro* e *Zumbi* (ensaios de História); *Abolição*, *Quatro dias de rebelião* e *Ipupiara* (romances); *O curumim que virou gigante*, *A botija de ouro*, *Uma estranha aventura em Talalai*, *Marinho, o marinheiro e outras histórias* e *O noivo da cutia* (literatura infantil). Durante anos lecionou em cursinhos preparatórios para vestibular, retornando à universidade em 1978, com a anistia aos

cassados pelo regime militar. Foi exilado na Bolívia (1964) e no Chile (1964-65). Historiador de origem, transferiu-se para a área literária. Atualmente leciona Literatura Brasileira Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

#### RESENHA

A velhinha do 301 todo dia saía de casa vestida de uniforme azul e verde, a farda dos *periquitos*. A molecada caçoava dela. Um dia, chega um homem procurando por ela, e conta a sua história: em 1822, na cidade de Cachoeira, na Bahia, portugueses brigavam contra os patriotas que queriam a liberdade. Na fazenda do velho Gonçalo, chega um emissário para recrutar voluntários para o exército brasileiro. Mas o velho só tem um filho pequeno e duas filhas, Maria Quitéria e Teresa. Enquanto isso, jovens se alistam por toda parte. Um deles, Medeiros, sofre com sua inexperiência, mas dá provas de grande coragem capturando o mais famoso e cru-

el dos oficiais portugueses, o Trinta Diabos. Sua generosidade não é menor: junto com o novo companheiro José Luís, compra — sem ter dinheiro, mas assinando um compromisso — um jovem escravo, Lucas, que estava sendo castigado no tronco. Os três se tornam inseparáveis. Um dia o velho Gonçalo aparece procurando a filha que fugira há tempos; descobre que ela é, na verdade, Medeiros. Quer levá-la embora, mas ela se recusa e continua lutando ao lado daquele que agora se tornou seu namorado. Num combate decisivo, José Luís desaparece. A guerra vai chegando ao fim. Maria Quitéria lidera um grupo de mulheres que consegue afugentar os soldados portugueses. No dia 2 de julho de 1823, desmoralizados, os portugueses deixam a Bahia para sempre. A heroína Maria recebe das mãos do imperador D. Pedro a insígnia da Ordem Imperial do Cruzeiro e a graça da alforria para o escravo Lucas. Só não consegue o perdão do pai. Esse é o relato que faz o homem, que revela ser o corneteiro da tropa em que lutou o soldado que não era... soldado. Trinta anos se passaram desde então. Todos vão procurar a velhinha, mas a encontram morta, ajoelhada aos pés do monumento da Independência.

### COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

O autor narra, de forma romanceada, uma história verídica, com personagens que passaram para História do Brasil, mas que poucos conhecem. É uma oportunidade de conhecer ou relembrar fatos ligados à Independência do Brasil, mas a trama, dinâmica e instigante, pode ser lida, como diz o próprio autor, apenas como diversão. Ou, melhor ainda, pode fazer refletir sobre valores como a coragem, a generosidade, o sacrifício, o amor pela pátria e o apreço à liberdade.

### QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** romance histórico

**Palavras-chave:** independência do Brasil, lutas do povo brasileiro, o papel da mulher

**Áreas envolvidas:** Língua Portuguesa, História, Geografia

**Temas transversais:** Ética, Pluralidade cultural

**Público-alvo:** alunos de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental

### PROPOSTAS DE ATIVIDADES

#### Antes da leitura

1. Pouca gente sabe que o Brasil tem duas datas de independência: 7 de setembro e 2 de julho, comemorado com festas ainda hoje na Bahia. Instigue a curiosidade dos alunos perguntando se alguém sabe disso. Pergunte também se acham que a independência do Brasil foi feita simplesmente com um grito de D. Pedro. Recapitem juntos o quadro geral dos fatos relacionados a essa data.
2. Apresente o livro à classe. Pergunte se conhecem o autor. Leia para eles alguns dados de sua biografia.
3. O título do livro é instigante: *o soldado que não era...* o quê? Proponha que façam hipóteses.
4. Analise as imagens que compõem a capa de Marina Nakada: o corpo de uma arma de fogo antiga e uma flor. Metonimicamente, a arma remete ao campo semântico da guerra, articulando-se à pala-

vra “soldado” que integra o título. E a flor? Provavelmente, se relaciona ao que parece ser, mas não é, ao “que não era”. Verifique se entre as hipóteses surgem referências ao feminino sugerido pela flor.

### **Durante a leitura**

**1.** Apresente em linhas gerais a temática da obra e sugira que se orientem pelo mapa que consta no final do livro para saber onde ocorrem as peripécias narradas.

**2.** Peça que leiam anotando as dúvidas que surgirem em relação aos fatos históricos enfocados na trama.

### **Depois da leitura**

#### **♦ nas tramas do texto**

**1.** Retomem a leitura, fazendo, em conjunto, uma retrospectiva da história.

**2.** Discutam o papel da mulher naquele tempo, refletindo sobre a atitude do pai de Quitéria, que não perdoou a filha.

**3.** Conversem também sobre o papel dos escravos. Lucas lutou pelo Brasil, mas isso não foi o suficiente para garantir-lhe a liberdade. Comentem o episódio dos castigos infligidos aos escravos. Estenda a discussão, orientando-a para a questão racial hoje. Polemize: Brasil, terra de oportunidades ou de preconceitos?

**4.** Os portugueses *morriam de medo principalmente de uma coisa: dos despachos que os negros armavam nas esquinas*. Verifique se os alunos sabem o que é um despacho. Levantem outras tradições, superstições, mitos de origem africana. Leia para a classe ou peça que leiam alguns contos folclóricos da África, como os do excelente *Os príncipes dos destinos*, de Reginaldo Prandi, São Paulo, Cosac & Naify.

**5.** Castro Alves, poeta baiano, escreveu um poema intitulado “Ao dous de julho” em *Espumas Flutuantes*, Porto Alegre, L&PM. Leia-o para a classe e relacione-o ao livro de Joel Rufino dos Santos.

#### **♦ nas telas do cinema**

*Um certo capitão Rodrigo* (1972).

Direção: Anselmo Duarte.

O filme é baseado na trilogia de Érico Veríssimo *O tempo e o vento*. Retrata a história do interior do Rio Grande do Sul durante a revolução Farroupilha. O corajoso e sedutor Rodrigo é o personagem central.

#### **♦ nos enredos do real**

**1.** Maria Quitéria pode ser chamada de pioneira do feminismo, pois não se resignou ao papel reservado às mulheres. Outras personagens, em várias épocas, lutaram pelos direitos da mulher. Proponha que pesquisem quais foram essas mulheres, que avanços conseguiram e que apresentem os resultados em classe.

**2.** O livro *O soldado que não era* aborda temas como nacionalismo e patriotismo. Seria interessante solicitar aos alunos que ampliem o significado desses conceitos, pesquisando:

\* o surgimento do sentimento de nacionalidade, ou seja, a partir de quando começa a se estabelecer o vínculo entre Estado e indivíduo;

\* o que faz cada um se sentir pertencente à nação brasileira.

**3.** A história contada por Joel Rufino dos Santos sobre Maria Quitéria não aparece com frequência nos livros didáticos. Os alunos poderiam fazer uma consulta a diferentes livros didáticos de História para verificar se a participação de Maria Quitéria na independência do Brasil é mostrada e, se for o caso, como é abordada. Ao final, poderiam escrever cartas aos autores, solicitando informa-

ções sobre os motivos que levam a pouca ou a nenhuma abordagem desse tema.

4. Promova uma discussão com os alunos sobre a participação popular no processo de independência do Brasil. Para que o debate possa ocorrer será preciso uma organização prévia com a busca das seguintes informações:

\* Além do episódio da Bahia com Maria Quitéria, quais outros movimentos populares colaboraram para a independência do Brasil?

\* Que mudanças econômicas, sociais e políticas ocorreram após a independência de 1822?

\* Quais grupos sociais se beneficiaram com a independência?

\* Como foi o processo de independência de outros países da América Latina, especialmente o do Haiti?

#### **DICAS DE LEITURA**

##### **▶ do mesmo autor**

*Quando voltei tive uma surpresa* — Rio de Janeiro, Rocco

*Crônica de indomáveis delírios* — Rio de Janeiro, Rocco

*Gosto de África* — São Paulo, Global

*Afinal, quem fez a República* — São Paulo, FTD

##### **▶ sobre o mesmo gênero e assunto**

*Café, suor e lágrimas* — Luiz Galdino, São Paulo, Moderna

*Cidadela de Deus: A saga de Canudos* — Gilberto Martins, São Paulo, Moderna

*A última tropa* — Domingos Pellegrini, São Paulo, Moderna

*O ciclo da soja* — Fernando Vaz, São Paulo, Saraiva

##### **▶ leitura de desafio**

Não são as lutas pela independência do Brasil, mas do Rio Grande do Sul, que ambientam *A casa das sete mulheres*, épico que serviu de base para a minissérie da Rede Globo. Escrito por Letícia Wierzchowsky, foi editado pela Record.